



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

THALITA SOUSA VIEIRA

**SOBRE(VIVER) NA RUA: UMA REVISÃO DE LITERATURA ACERCA DA
VIOLÊNCIA NO COTIDIANO DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA**

Juazeiro do Norte
2020

THALITA SOUSA VIEIRA

**SOBRE(VIVER) NA RUA: UMA REVISÃO DE LITERATURA ACERCA DA
VIOLÊNCIA NO COTIDIANO DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para a obtenção do grau de bacharelado em Psicologia.

Juazeiro do Norte
2020

THALITA SOUSA VIEIRA

**SOBRE(VIVER) NA RUA: UMA REVISÃO DE LITERATURA ACERCA DA
VIOLÊNCIA NO COTIDIANO DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para obtenção de grau de Bacharelado em Psicologia.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

MOEMA ALVES MACÊDO
Orientador(a)

MARCOS TELES DO NASCIMENTO
Avaliador(a)

FRANCYELLY DA SILVA FELIX
Avaliador(a)

SOBRE(VIVER) NA RUA: UMA REVISÃO DE LITERATURA ACERCA DA VIOLÊNCIA NO COTIDIANO DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA

Thalita Sousa Vieira¹

Moema Alves Macêdo²

RESUMO

Ante a problemática da moradia nas ruas, que perpassa nações ricas e também aquelas que se encontram em desenvolvimento, torna-se de suma importância visibilizar essa população e suas diversidades, como a minoria de mulheres que vivem em situação de rua e tem seus cotidianos marcados pela violência. Assim, o presente estudo tem por objetivo principal analisar o conhecimento produzido nas publicações sobre a vivência de mulheres em situação de rua, perante um cotidiano atravessado por violências e iniquidades, considerando os sentidos impressos por todos os atores envolvidos nos processos. O percurso metodológico utilizado abrange uma pesquisa bibliográfica, exploratória e de abordagem qualitativa, que se dividiu em duas etapas importantes: a produção de dados e a análise de dados; onde para analisar os dados obtidos, utilizou-se da Análise do Discurso. Observa-se então, que o cotidiano de violência se correlaciona com o uso de substâncias psicoativas, bem como contribui com estratégias de enfrentamento das mais variadas, visto que, as políticas públicas ainda não possibilitam um acolhimento específico à mulher em situação de rua. As produções existentes são chaves para a percepção quanto aos problemas no envolvimento dessas mulheres, assim como também é uma alerta para que haja manutenções nas políticas que visibilizem essa população.

Palavras-chave: Mulheres em situação de rua. Violência de gênero. Vida nas ruas. Interseccionalidade.

ABSTRACT

Concerning on the problem of housing on the streets, which permeates rich nations and also those in development, it is extremely important to make this population and its diversities visible, such as the minority of women who live on the streets and have their days affected by violence. The present study therefore has as main objective to analyze the knowledge produced in publications about the experience of women living on the street in a daily life crossed by violence and inequities, considering the meaning printed by all the actors involved in the processes. The methodological path used encompasses a bibliographic search exploratory and qualitative, divided into two important stages: data production and data analysis; where to analyze the data obtained Discourse Analysis was used. It is observed then, that the daily violence is correlated with the use of psychoactive substances, as well as contributes to coping strategies of the most varied, since public policies do not yet allow a specific reception for women on the street. The existing productions are key to the perception of the problems surrounding these women, as well as being an alert for the maintenance of policies that make this population visible.

Keywords: Homeless women. Gender-based violence. Street life. Intersectionality.

¹ Discente do curso de Psicologia na Unileão. E-mail: thalita_s.vieira@hotmail.com

² Docente do curso de Psicologia na Unileão. E-mail: moema@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Um dos problemas globais que atravessam grandes nações, bem como as que ainda se encontram em desenvolvimento, trata-se da moradia nas ruas, principalmente em centros urbanos de médio e grande porte. É importante salientar que cada país possui realidades diferentes, de forma a implicar diretamente na vivência de pessoas em situação de rua e também no percentual dessa população.

Atualmente no Brasil, falar sobre População em Situação de Rua (PSR) é algo que denota imprecisões que vão desde a expressão “em situação” aos poucos dados estatísticos referentes a essa questão (CARVALHO; OLIVEIRA, 2019). A mais recente estimativa de abrangência nacional foi realizada pelo Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), onde os dados apresentam resultado de 101.854 pessoas em situação de rua no ano de 2015 (NATALINO, 2016). Dentre esta população, aponta-se a predominância masculina no contexto de rua, o que configura uma minoria de mulheres vivendo em situação de rua (18%) como foi apontado em pesquisa nacional (BRASIL, 2009). Assim, falar das especificidades que compõem essas pessoas torna-se um obstáculo que, por sua vez, a falta de números é apenas uma pequena amostra da invisibilidade que circunda tal população, visto que o estudo em questão tem interesses opostos à uma análise quantitativa.

O fato de mulheres ocuparem menor parcela dentre esta população acarreta problemáticas singulares que vão para além da vulnerabilidade de classe, englobando também gênero e questões de raça, visto que mulheres negras compõem sua grande maioria. Diante uma sociedade demarcada por desigualdades estruturais, é importante pensarmos em uma perspectiva interseccional a respeito da vivência dessas mulheres, pois, os casos de preconceito e violência vividos por elas se impõem muitas vezes de forma mais brutal que os enfrentamentos já vividos no cotidiano de mulheres que não estão em situação de rua.

O estudo em questão abrange a importância em visibilizar mulheres que vivem negligenciadas socialmente, bem como em contribuir a estudos e pesquisas que embasem avanços quanto a melhores condições de vida. É válido salientar a motivação e vínculo pessoal da autora quanto à problemática, visto que, por também ser mulher, a mesma considera de suma relevância contemplar todas as vivências femininas, usando seu lugar de privilégio em uma sociedade que nem todas têm a oportunidade sequer de poder lutar pelos seus direitos básicos.

Todavia, o trabalho abrange uma pergunta-problema: o que as produções científicas disponibilizam (ou não) sobre os modos de sobrevivência de mulheres em situação de rua

diante um contexto de impetuosidades e violações? Tendo como objetivo geral analisar o conhecimento produzido nas publicações sobre a vivência de mulheres em situação de rua perante um cotidiano atravessado por violências e iniquidades, considerando os sentidos impressos por todos os atores envolvidos nos processos. Os objetivos específicos estarão voltados em compreender os fenômenos sociolinguísticos variados que expressam o cotidiano de mulheres em situação de rua, identificar o diálogo produzido entre as diferentes publicações de artigos científicos do banco de dados Google Acadêmico quanto aos fenômenos relacionados à violência que demarcam a vivência dessas mulheres, e, produzir novos sentidos contribuintes a futuras discussões que promovam melhorias nas políticas de acolhimento à mulher em situação de rua vítima de violência.

2 “MORAR NA LUTA”: A VIVÊNCIA DE MULHERES NO CONTEXTO DE RUA

O século XX constitui uma série de movimentos que contribuíram para que possamos pensar, atualmente, ao que se refere População em Situação de Rua, visto que, corroboram com processos que vão desde a desestigmatização dessas pessoas à busca por políticas públicas (SILVA, 2019). No Brasil, a terminologia População em Situação de Rua é parte de um dos questionamentos levantados no decorrer dos anos, assim como sua definição, que de acordo com o Decreto nº 7.053 de 23 de dezembro de 2009, trata-se de um:

Grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória (BRASIL, 2009, p. 19).

O que gera a inquietação de alguns pesquisadores, é o fato da ausência de estabelecimentos quanto aos termos utilizados nas definições do decreto, seja por não identificar o que se entende pelas atribuições destinadas a essa população, como também, pela imprecisão da expressão “em situação” (CARVALHO; OLIVEIRA, 2019).

É nítido que há poucos dados precisos em referência a População em Situação de Rua, o que denota negligência quanto à vivência dessas pessoas, pois, não é possível mensurar ao certo quem são e muito menos quantos vivem em Situação de Rua atualmente, logo, o dado estatístico mais recente é uma estimativa que foi publicada no ano de 2015. Por conseguinte, sabe-se que dentre esta população existe uma vasta diversidade, seja pelos diferentes fatores que os levaram a viver nas ruas ou pelas distintas realidades que vivem (FRIZZO, 2018).

A experiência da vida no contexto de rua é demarcada por dificuldades que estão atreladas aos estigmas sociais e preconceitos que os circundam, acarretando em problemáticas que perpassam a falta de alimentação, de higienização básica e segurança. É fato que a população masculina é predominante no que concerne a pessoas que vivem nas ruas, porém, ainda que se concentrem em uma menor parcela, mulheres vivenciarão uma maior vulnerabilidade social indo além do aspecto de classe, tornando-se vítimas também dos preconceitos e dominação que englobam gênero e raça, visto que, se tratam de mulheres negras em sua maioria (BISCOTTO et al., 2018).

É inegável que todas as mulheres estejam sujeitas a sofrerem algum tipo de violência, visto que, estas estão inseridas em uma sociedade patriarcal e opressora; entretanto, alguns grupos estarão mais vulneráveis que outros, como é o caso de mulheres que vivem em situação de rua, pois, a vulnerabilidade se apresenta não só pelos preconceitos que são atribuídos a classe, gênero e raça, mas também pela invisibilidade que permeia suas existências (SILVA, Márcia, 2019). Assim, a condição de vida da mulher no contexto de rua estará à mercê de violências físicas, sexuais e psicológicas, assim como, a falta de garantia de direitos sociais se traduz em uma violação (BISCOTTO et al., 2018).

Historicamente, o patriarcado impõe que o lugar de mulher seja dentro de lares, e só assim poderá ser respeitada e digna de segurança, desta forma, toda aquela que circulasse sozinhas pelas ruas, eram vistas como impuras e indignas, devendo sujeitar-se aos assédios que demarcam que mulheres não devem estar em lugares públicos (NUNES, 2000). Recortes como esses, trazem a ideologia errante de que o que está na rua é público, seja o espaço ou corpos que ali vivem, assim, é possível perceber a negligência existente no entorno do cotidiano de mulheres que vivem em situação de rua, pois, o mesmo corpo que é invisível para a garantia de direitos, é o corpo explorado e violado nas ruas (CÂMARA; LIMA; CRUZ, 2019).

Cada história de vida representa singularidades que compõem algo em comum a todas essas mulheres que vivem ou viveram em situação de rua: a insegurança (SARMENTO, 2017). As causas pelas quais as pessoas fazem da rua logradouros são diversas, entretanto, Machado (2016) destaca que muitas mulheres deixam os lares que vivem para sair de situações de violências domésticas, mas acabam voltando para ciclos violentos que demarcam essa realidade a qual muitas vezes, estando em situação de rua, mulheres estabelecem relacionamentos na busca de se proteger da violência vinda de outros homens, considerando o homem como detentor da força e da proteção, porém, grande parte continuam sendo violentadas pelo cônjuge.

Hooks (2018) destaca que a dominação existente em uma cultura é capaz de perpetuar uma socialização em que todas as pessoas enxergam a violência de modo aceitável, como meio de controle social; sendo viável ao mantimento de grupos dominantes, que por sua vez, fazem isso através da ameaça de castigos físicos, psicológicos ou abusivos a quais serão usados sempre que estruturas hierárquicas forem ameaçadas.

Para Rosa e Brêtas (2015), a perspectiva de gênero nas ruas, explicita que homens e mulheres possuem diferenças relevantes na forma como experienciam e compreendem sua vivência na situação de rua. Os autores ainda elucidam que

[...] para o homem, a rua foi o desfecho de uma condição terminal de ruptura e degradação social; neles mantinham-se vivos o desejo de retornar às condições de vida perdidas. Já para algumas mulheres, representou uma solução inicial para situações de violências e insatisfações com o espaço doméstico. Não nutriam o desejo de voltar para o lar perdido ou abandonado, mas de construir outro (ROSA; BRÊTAS, 2015, p. 281).

As problemáticas vividas por mulheres em situação de rua atravessam os conflitos familiares, sentimentos voltados a rejeição e traumas relacionados a violências, dessa forma, ocasionam muitas vezes a busca por substâncias psicoativas, levando-as ao vício, que para ser alimentado, algumas irão buscar a prostituição como meio de troca por drogas ou mesmo por dinheiro, havendo uma crescente necessidade de estudos relacionados ao uso de drogas por mulheres em situação de rua, bem como os processos psíquicos e de hierarquização social dos indivíduos e seus corpos (MACHADO, 2016).

O breve exposto de algumas iniquidades que circundam a vivência de mulheres em situação de rua, faz com que se pense em quais políticas de enfrentamento são acessíveis a esse público, assim, é válido salientar as políticas de suporte que consolida rede de proteção às pessoas que vivem em situação de rua. Tais políticas visam proporcionar segurança, qualidade e conforto em locais de acolhimento temporário, além da busca por uma mediação entre o Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e o Sistema Único de Saúde (SUS) (BRASIL, 2009). Algumas redes de referência e apoio são importantes para essas políticas, como o Centro POP, Consultório na Rua e o CAPSad, e, voltado especificadamente para a população feminina, pode-se contar com a Casa de passagem para mulheres em situação de rua e/ou violência (ZURBA et al., 2012).

As políticas direcionadas as mulheres no Brasil estão ligadas a situação da saúde, visto que diversos aspectos desta se relacionam com o cotidiano, uma vez que, no caso de mulheres, os problemas possam ter agravos devido à sobrecarga de trabalhos domésticos, situação de pobreza, discriminação nos ambientes de trabalho, entre outras. Portanto, o

Ministério da Saúde implantou a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (FRIZZO, 2018). Quanto às políticas de enfrentamento à violência contra a mulher, a Lei nº 11.340 de 2006, mais conhecida como Lei Maria da Penha, foi um grande avanço para o país, possibilitando a coibição de todos os tipos de violência doméstica ou familiar (BRASIL, 2006).

Maria Silva (2019) sugere, por sua vez, é necessário um aprofundamento quanto às políticas existentes que são voltadas especificadamente a mulheres em situação de rua, considerando o fato que, ainda que existam possibilidades de denúncia, essas mulheres possuem uma visão que tende a naturalizar as violências e violações impostas sobre elas, da mesma forma que possuem menor percepção da violência, que, em razão da constância de episódios desta, acabam por minimizar e naturalizar esse tipo de comportamento agressivo contra elas. A partir da hierarquia das necessidades do ser humano, essas mulheres em condição de negligência social, estarão preocupadas em sobreviver, de forma a não se questionarem sobre melhores condições de vida ou busca por assistência aos serviços públicos (SILVA, Maria, 2019).

3 METODOLOGIA

O trabalho em questão trata-se de uma pesquisa bibliográfica, exploratória e de abordagem qualitativa, para isso, o percurso metodológico se dividiu em duas etapas importantes: a produção de dados e a análise dos dados. Assim, o eixo do conhecimento crítico a respeito do objeto de estudo foi feito a partir da leitura de produções científicas correspondentes aos debates de situação de rua, gênero e violência, que, por sua vez, foram selecionados e analisados para discussão daqueles que corresponderem ao intuito do presente estudo.

3.1 PRODUÇÃO DE DADOS

Para a coleta de dados foi definido uma única base de dados para busca, visando uma maior delimitação quanto a produções referentes ao objeto de estudo, desta forma, a busca foi realizada exclusivamente na base de dados Google Acadêmico, utilizando os descritores “mulheres em situação de rua”, “violência de gênero”, “vida nas ruas” e “interseccionalidade”. Assim, as publicações passaram por uma seleção, visto que, a maioria dos artigos encontrados tratavam-se de violência contra a mulher em outros contextos diferentes da situação de rua.

Diante disso, foi delineado os critérios de inclusão e exclusão, em vista da sistematização de conteúdo para a finalidade de análise. Os critérios para inclusão trataram-se de: documentos no formato de teses, artigos e monografias e produções dentre os anos de 2015 a 2020 escritos em português; ao usarmos esse critério obtivemos 1.770 produções. Destas foram selecionados apenas os classificados como relevantes na plataforma, restando 246. Na sequência separamos os que usaram pesquisas de campo em suas metodologias e que abrangessem especificadamente mulheres que estão ou estiveram situação de rua, ficando assim, 10 publicações. Por conseguinte, foram excluídas produções que desviassem relevantemente da temática principal; produções anteriores ao ano de 2015; documentos escritos em línguas estrangeiras; pesquisas que não foram desenvolvidas em campo e pesquisas voltadas a população geral ou homens em situação de rua.

Para a leitura analítica dos artigos selecionados, este estudo tem fundamento na análise do discurso que surge como uma possibilidade da produção de discurso científico a respeito da vivência de mulheres que vivem em Situação de Rua, ou seja, os artigos escolhidos, por se tratarem de pesquisa desenvolvida em campo, mostram um panorama desse contexto; por isso, os pesquisadores produzem discursos sobre essa realidade já que puderam conviver com tais mulheres e suas singularidades, gerando assim um norte científico da situação, o que contribui no direcionamento das políticas públicas propostas a essa população. É importante salientar que a visibilidade, bem como a invisibilidade dessa população, pode ser percebida nos próprios discursos científicos produzidos no que concerne a essa condição de vida como também através da quantidade de artigos publicadas dentre o período de 5 anos do recorte, tratando-se de poucos estudos publicados.

3.2 ANÁLISE DE DADOS

Spink et al. (2014) ao elucidar as práticas discursivas como base para estudos, ressalva a importância em considerar o interesse no modo pelo qual as pessoas falam, os repertórios linguísticos utilizados por estas ao descreverem tal problemática, bem como, as vozes existentes por trás dessas escritas. Busca-se então, a relação existente dentre as publicações através dos diferentes temas abordados a respeito da problemática. Por conseguinte, o mapa dialógico apresenta-se como um meio de recurso que possibilita a visibilidade dos passos ocorridos no construto da pesquisa assim como a dialogia efetiva dos discursos analisados (SPINK et al., 2014).

Para a construção do mapa dialógico, o estudo norteou-se através dos passos propostos por Mirim (2013) como procedimentos para a análise do banco de dados selecionados. Assim, é importante a apresentação dos temas abordados e populações alvo identificadas nas produções que serão demonstradas no Quadro 1, tornando lúcido as definições dos critérios de inclusão.

Quadro 1 – Quadro geral do banco de publicações selecionadas para o estudo.

TÍTULO	AUTORES/ANO	TEMA/POPULAÇÃO
1. A experiência de mulheres em situação de rua: uma análise interseccional.	SILVA, Márcia, 2019	Vivência de mulheres em situação de rua sob olhar da interseccionalidade.
2. Invisibilidade da mulher em situação de rua nos serviços especializados de atendimento à mulher.	SILVA, Maria, 2019	Serviços especializados no atendimento à mulher e as estratégias voltadas a mulheres que vivem em situação de rua.
4. Por onde circulam os corpos invisíveis? Intersecções entre população em situação de rua e gêneros dissidentes no acesso institucional urbano.	PRADOS; BRANDÃO; PERUCCHI, 2019	Gênero no contexto de rua e intersecções.
3. Análise da redução de danos: uma estratégia de inclusão social para mulheres em situação de rua.	FRIZZO, 2018	Inclusão social para mulheres em situação de rua.
5. O gênero na rua: um estudo antropológico com as mulheres em situação de rua em Porto Alegre.	SARMENTO, 2017	Gênero no contexto de rua.
6. Perfil sociodemográfico de mulheres em situação de rua e a vulnerabilidade para o uso de substâncias psicoativas.	VILLA et al., 2017	Relação das mulheres em situação de rua com o uso de substâncias psicoativas.
7. A mulher em situação de rua e a violência de gênero: um olhar a partir do grupo de mulheres.	COELHO et al., 2016	Violência contra a mulher no contexto de rua.
8. Mulheres no contexto da rua: a questão do gênero, uso de drogas e a violência.	MACHADO, 2016	Aspectos da vida nas ruas.
9. Gestantes em situação de rua no município de Santos-SP: reflexões e desafios para as políticas públicas.	COSTA et al., 2015	Gestação em situação de rua.
10. A violência na vida de mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo, Brasil.	ROSA; BRÊTAS, 2015	Violência contra a mulher no contexto de rua.

Fonte: VIEIRA; Thalita Sousa.

Assim, é válido perceber os temas que se expandem no decorrer dos anos, bem como os que aparecem recorrentemente em diferentes anos, dessa forma, nota-se que a população composta por mulheres em situação de rua faz parte de uma diversidade que pode ser observada nas diferentes singularidades apresentadas no quadro.

A produção do mapa dialógico nos permitiu uma visualização e análise dos repertórios linguísticos de forma mais lúcida, já que esse é um passo importante a ser analisado, visto que é possível assim identificar também seus efeitos no modo pelo qual os pesquisadores se posicionam e posicionam seus interlocutores (ARAGAKI; PIANI; SPINK, 2014). Por conseguinte, a primeira fase de análise refere-se aos fenômenos sociolinguísticos que permeiam as produções, onde pôde-se desenvolver competências que em seguida foram analisadas separadamente em vista dos sentidos atribuídos aos mesmos. A segunda fase está relacionada a correlação existente entre as competências. Diante disso, o percurso metodológico aqui exposto é o que possibilita as respostas trazidas como problematização do presente estudo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em vista do que se propõe como objetivo principal deste estudo, foi de suma relevância a procura pelo que a literatura apresenta acerca do cotidiano de mulheres em situação de rua, desta forma, a busca pelas publicações no banco de dados que fomentam esse estudo, por se tratar de uma etapa inicial na construção do mesmo, já remete visivelmente ao fato de que os números de pesquisas e estudos voltados à essa temática ainda estejam em minoria, demonstrando assim o apagamento que é dado a vivência dessas mulheres, não só nos demais âmbitos, como também no meio acadêmico.

Partindo desse posicionamento, o presente trabalho que tem por base analítica a produção de sentidos através dos discursos, dedica um olhar aos repertórios linguísticos utilizados na composição das publicações selecionadas, assim como, a correlação existente entre as competências desenvolvidas a partir do mapa dialógico. Desta forma, apresenta-se as discussões de forma elencada mediante percurso dialógico que ocasionou na obtenção desses repertórios, que serão discutidos posteriormente.

4.1. REPERTÓRIOS LINGUÍSTICOS: UM OLHAR ACERCA DA DIALOGIA PRODUZIDA NOS DISCURSOS SOBRE MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA

Os repertórios linguísticos observados em análise nos apresentam o desenvolvimento de algumas competências voltadas ao cotidiano de mulheres em situação de rua. Essas competências são formuladas com base nos aspectos que aparecem de forma relevante nos discursos produzidos e que se relacionam entre si: a violência, o uso de substância psicoativas, os meios de enfrentamentos adquiridos e as políticas disponíveis para essa população.

A partir disso, para compreender o estabelecimento dessa relação entre ambas as competências, foram criadas cinco categorias para compor o mapa dialógico do presente estudo, que está exemplificado no Quadro 2. As categorias se dividiram em: 1) Violência contra mulheres em situação de rua sob ótica da interseccionalidade: classe, gênero e raça; 2) O uso de substâncias psicoativas e sua relação com a violência; 3) Resistência: os enfrentamentos adquiridos no decorrer dos d(anos); 4) Mulheres em Situação de Rua e Políticas Públicas.

Quadro 2 – Modelo do mapa dialógico usado no estudo.

Título da publicação	Violência contra mulheres em situação de rua sob ótica da interseccionalidade: classe, gênero e raça	O uso de substâncias psicoativas e sua relação com a violência	Resistência: os enfrentamentos adquiridos no decorrer dos d(anos)	Mulheres em Situação de Rua e Políticas públicas
A experiência de mulheres em situação de rua: uma análise interseccional	“Evidentemente a violência urbana não é a única forma de violência que marca as experiências dessas mulheres em situação de rua” (SILVA, Márcia, p. 53, 2019).	“A recorrente menção do consumo de crack na fala das entrevistadas corrobora o entendimento de pesquisadores do tema ao relacionar o uso da droga com os marcadores de exclusão social” (SILVA, Márcia, p. 53, 2019).	“Vitória se orgulha em dizer que sempre faz amizades, não só com outras pessoas em situação de rua, mas também com comerciantes e com os policiais. Acredito que esta seja uma forma de ela conseguir barganhar algumas coisas essenciais para sua sobrevivência como a comida,	Política nacional para a população em situação de rua.

			a dormida em época de chuva e evitar conflitos com a polícia” (SILVA, Márcia, p. 53, 2019).	
--	--	--	---	--

Fonte: SILVA, Márcia, 2019.

4.1. 1. Violência contra mulheres em situação de rua sob ótica da interseccionalidade: classe, gênero e raça

Ainda que não esteja explícito nas titulações das publicações analisadas, todos os 10 artigos têm em comum a retratação da violência na vida de mulheres que vivem em situação de rua, de forma direta ou mesmo como fator condicionante nessa experiência do cotidiano nas ruas. Sendo assim, sua condição de gênero, raça e classe torna-se um marcador social influente na forma pela qual esse corpo é negligenciado, se diferindo portanto, da vivência de homens em situação de rua, pois, ainda que ambos estejam atravessados por fatores que se relacionam, a mulher vivenciará essa vulnerabilidade em três aspectos: a condição de vida dificultosa mediante contexto de rua, pelo seu gênero e, na maioria das vezes, pela sua raça, visto que a maior parte dessa população trata-se de mulheres negras.

Rosa e Brêtas (2015) pontua algo que é relevante em quase todas as produções: o fato de que no Brasil, falar sobre violência contra a mulher de uma forma geral já nos conduz à dificuldade em obter informações oficiais sobre as notificações existentes, visto que, denunciar o agressor coloca em risco a segurança da mulher, a qual o Estado não a possibilita de forma adequada. Os autores explicitam que o mesmo acontece com mulheres em situação de rua, com um agravante maior em questão, pois não se existe ao menos dimensão desse problema.

Nas falas concedidas pelas interlocutoras que constituem os estudos selecionados, é nítido que a violência contra a mulher em situação de rua se apresenta das mais variadas formas nos seus discursos, que vão desde a falta de direitos sociais garantidos à anulação do exercício no papel de maternidade, onde muitas mulheres veem seus filhos sendo retirados de seus cuidados, denunciando assim a criminalização da pobreza, por conseguinte, como afirma Sarmiento (2017, p. 48) “[...] dificilmente a justiça intervém em lares abastados para verificar em quais condições os filhos estão sendo criados”.

Falar sobre os tipos de violência contra a mulher que vive em situação de rua e tentar exemplificar como acontecem denota imprecisão, pois, diante os relatos postos à leitura e análise, fica evidente que essa violência aparece na simplicidade de atos ou mesmo de forma inusitada. Márcia Silva (2019) traz em sua dissertação a fala de algumas mulheres a respeito da violência física, onde algumas mulheres concebem o relato de terem sido vítimas de agressões enquanto dormiam, o que corrobora com a dificuldade em ter uma noite de sono adequada. Outros relatos apresentados pela autora, falam sobre pessoas que passam pelas vias públicas e arremessam objetos de dentro dos carros, mas que “evidentemente a violência urbana não é a única forma de violência que marca as experiências dessas mulheres em situação de rua” (SILVA, Márcia, 2019, p. 53).

A violência física, por sua vez, na maioria das vezes não se apresenta sozinha quando se trata de mulheres, pois, a violência sexual aparece de forma recorrente nos discursos, onde usam da força e agressão para abusar sexualmente das vítimas (MACHADO, 2016). Sarmiento (2017) em seu estudo, faz referência a uma frase inserida na capa da edição nº 59 do Jornal Boca de Rua, que é produzido por pessoas que vivem em situação de rua na cidade de Porto Alegre – RS:

Na rua, nenhuma mulher dorme sozinha porque corre risco de ser agarrada a força. Na rua, quase todas foram estupradas na infância ou na adolescência. Na rua, o abuso pode vir de qualquer lado: da polícia, dos monitores dos albergues, dos homens que passam a pé ou de carro ou mesmo dos vizinhos da aba... (SARMENTO, 2017, p. 59 apud JORNAL BOCA DE RUA, 2016, capa).

Percebe-se que a violência contra a mulher tem diversas facetas, porém, por acontecer de forma mais brutal no contexto de rua, tende a gerar uma certa tolerância à formas não físicas de violência, o que corresponde a recorrência de relatos sobre violência sexual e física, mas que no decorrer das entrevistas pode ser percebido violências psicológicas, verbais e até mesmo a negligência existente nos órgãos que deveriam prestar assistência à saúde.

Diante todos os estudos aqui analisados é possível observar dados que demonstram a violência como predominante na vida dessas mulheres, pois, não começa somente após a moradia nas ruas, como também está presente em parte das causas que as influenciaram a abandonarem seus lares. Tornar a rua um lar, é muitas vezes o meio pelo qual algumas mulheres encontram para fugir de atos violentos praticados por companheiros ou pessoas do seu convívio íntimo, o que configura violência doméstica. O que pouco é divulgado é que mulheres em situação de rua também são vítimas de violência doméstica, ainda que este traga consigo a ideia de que pra acontecer, precisa-se de um lar ou estar em um relacionamento amoroso (ROSA; BRÊTAS, 2015) corroborando com a fala de Machado (2016):

Parece-me, no entanto, que - mesmo ao buscar mudar sua realidade (violência doméstica) com sua ida para as ruas – os ciclos de violência também se encontram nessa outra realidade e se perpetua. Muitas mulheres estabelecem relacionamentos conjugais em busca de proteção contra violências de outros homens, e assim, sujeitam-se novamente a ciclos de violência no espaço que antes buscara para se proteger dessa mesma matriz de violência (MACHADO, 2016, p. 20).

A população em situação de rua, de modo geral, perpassa por vulnerabilidades cotidianas, desta forma, a mulher que vive em situação de rua só pela sua condição de gênero já se torna mais vulnerável ainda, visto que, apenas a realidade em ser mulher, correspondente a um ser docilizado que deve obediência ao seu opressor (homem) (COELHO et al., 2016). Desta forma, o recorte de gênero é apenas um dos agravantes dessa condição, uma vez que o preconceito racial potencializa toda essa violência. Brandão, Prados e Perucchi (2019) elucidam que no passado, o que se tratava de um povo escravizado, permanece negligenciado até os dias atuais, mudando apenas a forma de poder, na medida em que a sociedade mantém essas relações de poder diretamente ligada aos direitos sociais.

A naturalização da discriminação racial e de gênero aparece de forma tão enraizada na sociedade, que a maioria das interlocutoras que compõem as produções aqui analisadas, apresentam negação quanto ao fato de ser violentada estar diretamente relacionado à sua condição de gênero e raça, atribuindo a isso a causas situacionais. Mulheres trans que estão em situação de rua também apresentam negação em seus discursos quando questionadas sobre a identidade de gênero ser um condicionante para a violência vivida, visto que, condicionantes como esse acentuam a vulnerabilidade vivida por essas mulheres (SILVA, Márcia, 2019).

Para Sarmiento (2017) um ponto crucial na discussão a respeito da vivência de mulheres em situação de rua é perceber essas discriminações enfrentadas devido a pobreza (preconceito de classe), pelo seu gênero (machismo) e pela sua cor, em vista a grande maioria de mulheres negras (racismo). Essa percepção abre espaço para pensar a vivência da mulher através da interseccionalidade, considerando a mulher em suas diversidades socioculturais, sendo uma pauta que aparece na maioria das publicações analisadas nesse estudo.

4.1.2. O uso de substância psicoativas e sua relação com a violência

Algo relevante a ser considerado é a conjuntura do uso de substâncias psicoativas no cotidiano de mulheres em situação de rua. O uso frequente de drogas, principalmente o crack, aparece recorrentemente nos relatos transcritos pelos autores, a qual ressaltam que a partir de tais falas, percebe-se que este “agudiza a situação de vulnerabilidade, interferindo, sobretudo,

na fragilização dos vínculos familiares e na exposição às situações de violência” (SILVA, Márcia, 2019, p. 51). A autora ainda se aprofunda na questão, mencionando o fato de pesquisadores relacionarem o uso abusivo de drogas a marcadores de exclusão social.

A busca por substâncias como o álcool e as drogas funcionam como um dos condicionantes que geram a entrada e também a permanência em situação de rua, da mesma forma que altera e propicia vínculos e relações fragilizadas (VILLA et al., 2017). Assim, ao passarem a fazer das ruas seus logradouros, a maioria das pessoas em situação de rua, por terem dificuldade em constituírem atividades remuneradas ou não (devido à marginalização da pobreza), acabam por não terem o que fazer ao longo do dia, exceto quando estão buscando alimentação, e isso acaba contribuindo para o consumo de drogas no cotidiano, o que legitima a desestruturação nas suas rotinas, pois, ficam sob efeito das drogas em parte do seu tempo (COSTA et al., 2015).

O que ambos os pesquisadores apontam é a importância em uma constante manutenção dos estudos a respeito do consumo de drogas e a vida nas ruas, bem como a relação das mulheres que compõem esses dois fatores. Machado (2016) percebeu mediante pesquisa, que o uso dessas substâncias por mulheres se correlacionam com os relatos de suas trajetórias de vida, as quais permeiam as situações de violências e violações desde a infância, logo, utilizando-se de estudos que baseiam essa percepção, afirma a existência de pesquisas que evidenciam o consumo de drogas por mulheres vítimas de estupro.

A relação do uso abusivo de substâncias psicoativas tem uma ligação direta com a violência e a violação do corpo de mulheres que encontram-se no contexto de rua, isso porque, por vezes, o meio pelo qual se encontra para comprar drogas ou mesmo forma de cobrarem possíveis dívidas adquiridas pelo vício, é através da exploração sexual desse corpo (MACHADO, 2016). Em alguns casos, nota-se que a troca de sexo por dinheiro ou drogas, podem acontecer de forma coercitiva pelos seus próprios companheiros, diante disso, Coelho et al. (2016) ao criar um caso para a partir dele trabalhar os conceitos de violência com um grupo de mulheres em situação de rua, exemplificou como essa situação pode vir a ocorrer:

[...] logo depois, chega Arthur, um amigo de José, que pergunta se ele quer descolar sua mulher para uma transa, que pagaria 50 reais. Sofia fala que não quer, pois não é um produto, é uma mulher, é um ser humano que tem sentimentos. Enquanto isso, José mexido com o valor, pois poderia comprar drogas com esse dinheiro e, então, aceita que Sofia seja violentada (COELHO et al., 2016).

O caso em questão é fictício, porém, corresponde a muitos dos relatos de abuso e violência compartilhados, mas que ainda aparecem de forma velada, quando a mulher traz a culpabilização pra ela e não pro agressor. Em suma, o uso de drogas por mulheres em situação

de rua, passa pela necessidade de se compreender como os processos psicossociais estão envolvidos nos seus processos de subjetivação, uma vez que a hierarquização dos sujeitos atravessa seus corpos (MACHADO, 2016).

4.1.3. Resistência: os enfrentamentos adquiridos no decorrer dos d(anos)

Para iniciar essa discussão, é importante ressaltar que o emprego da palavra “d(anos)” faz referência ao processo constante de rupturas na vida cotidiana dessas mulheres, ao qual como aponta Rosa e Brêtas (2015) “estas mulheres que conhecemos traziam, na mente e no corpo, as marcas de violências sofridas”, da mesma forma que ao fazerem da rua seus lares, perdem a possibilidade de uma rotina fixa e cada novo dia passa a ser diferente, pois, diariamente vivenciam a busca por meios de sobrevivência: alimentação, vestimenta, higiene pessoal, lugar para dormir e mesmo as estratégias de enfrentamento à violência (COSTA et al., 2015) a qual serão discutidos neste tópico.

Observar os discursos existentes nas produções científicas sobre mulheres em situação de rua, permite a visualização quanto a condição de vida dessas mulheres perpassar pela imposição em constituírem relações que possibilitem uma viabilidade que a assegurem no cotidiano das ruas, já que sozinhas ficam mais expostas à vulnerabilidade, corroborando com a violência. Rosa e Brêtas (2015) pontuam que enxergar essas mulheres como vulneráveis no que diz respeito à vivência nas ruas, não significa coloca-las numa posição de dependentes ou fragilizadas por estarem em situação de rua, mas sim porque viver na rua e da rua já é uma forma de violação que aponta a desigualdade existente na sociedade.

Desta forma, a rotina de impetuosidades no cotidiano dessas mulheres, acabam produzindo estratégias de enfrentamento para tais acontecimentos, principalmente no que concerne à violência. Essas estratégias variam, em algumas situações elas não extinguem a violência sofrida, mas, reduzem a possibilidade de serem agredidas por mais pessoas, ou seja, é nesse momento em que muitas mulheres sujeitam-se a relacionamentos conjugais abusivos como já mencionado anteriormente, onde as agressões acontecem com frequência, mas que para elas é um meio a qual evita-se que outros homens ou grupos as violentem. Há relatos que ao serem expostos causam repulsa em quem pode ter uma compreensão mais profunda da violência e seus efeitos, entretanto, para mulheres que vivem sujeitadas à falta de segurança, estarem em uma relação conjugal ainda que essa a maltrate, tem outro significado: é mais seguro ser violentada por alguém que a protege dos demais, que estar desprotegida e ser violentada por vários.

Em grande parte dos relatos, uma das maiores dificuldades apresentadas pelas interlocutoras, está relacionado aos dias de chuva; Márcia Silva (2019) explicita essa situação em seu estudo, a qual algumas mulheres afirmam ser o período mais dificultoso, porém, enfrentam o período de chuvas através das relações de amizades que constituem, tanto com as pessoas que também estão em situação de rua, como com comerciantes e policiais. Isso porque no período chuvoso, negociam o aluguel de espaços para que possam dormir à noite, para isso esperam os comércios fechar.

Vitória se orgulha em dizer que sempre faz amizades, não só com outras pessoas em situação de rua, mas também com comerciantes e com os policiais. Acredito que esta seja uma forma de ela conseguir barganhar algumas coisas essenciais para sua sobrevivência como a comida, a dormida em época de chuva e evitar conflitos com a polícia (SILVA, Márcia, p. 53, 2019).

Tais meios de enfrentamento não asseguram a integridade física e psicológica dessa população, entretanto, essas estratégias não correspondem às mais seguras ou íntegras, mas sim correspondem aos meios adquiridos para sobreviver em meio ao caos. A rua provoca essa readaptação e ressignificação dos modos de vidas, de forma a colaborar com a manutenção da própria sobrevivência, ainda que isso não aconteça de modo libertador no tangente a violência e desigualdades sociais.

Vale elucidar a circunstância em que a rua, apesar de ser cenário para constantes violações e impunidades, também é o ambiente a qual pessoas constroem novos modos de viver e produzem relações, desta forma, é nítido que a sociedade ainda empurra essa condição de vida a uma negação da existência de agentes reflexivos que constituem esse espaço social (SARMENTO, 2017).

4.1.4. Mulheres em Situação de Rua e Políticas Públicas

Como o título desse seguimento sugere, a proposta é discutir políticas públicas voltadas à população formada por mulheres no contexto de rua, entretanto, isso não se faz sem antes compreender brevemente as políticas que acolhem a população em situação de rua de modo geral. A priori, ressalta-se que a população em situação de rua é um grupo social que vivencia um processo de exclusão por parte dos serviços de saúde e acolhimento, e historicamente são considerados como escória numa sociedade de base patriarcal e conservadora (FRIZZO, 2018).

Assim, em todos os artigos pôde-se perceber a importância dada a Política Nacional para a População em Situação de Rua (PNPS) instituída no ano de 2009 pelo Decreto nº

7.053. Essa política, por sua vez, tem suas diretrizes pautadas nos princípios da igualdade e equidade (BRASIL, 2009), mas também, de acordo com o artigo 5º, visa promover:

I - Respeito à dignidade da pessoa humana; II - Direito à convivência familiar e comunitária; III - Valorização e respeito à vida e à cidadania; IV - Atendimento humanizado e universalizado; V - Respeito às condições sociais e diferenças de origem, raça, idade, nacionalidade, gênero, orientação sexual e religiosa, com atenção especial às pessoas com deficiência (BRASIL, 2009).

Contudo, Frizzo (2018) afirma que essa política evidencia a busca pela garantia de direitos políticos, civis, sociais e econômicos, fazendo uma chamada quanto aos esforços governamentais para que visibilize essa população e incentive a participação social dos mesmos. A autora segue sua fala deixando entendível que a partir desse decreto, almeja-se o objetivo em possibilitar uma rede que proteja as pessoas em situação de rua através da maior qualidade de vida, segurança e conforto.

No presente trabalho, já foi mencionado o fato do Decreto 7.053 ter uma definição pra População em Situação de Rua ainda permeada pela estigmatização desse grupo, considerando-o apenas a partir da pobreza e ocasionando em lacunas abertas quanto ao entendimento dos termos usados na definição. É em contraposto ao que a PNPS sugere em sua definição, que o Movimento Nacional da População de Rua surge, composto por homens e mulheres em situação de rua comprometidos com essa desestigmatização e enfatizando a luta pelo protagonismo, dignidade e direitos (SARMENTO, 2017).

Ao filtrar a busca pelas políticas públicas para pessoas em situação de rua pela perspectiva de gênero, é possível perceber que a política que acolhe essas mulheres é a mesma que acolhe de forma totalitária todas as mulheres, a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (FRIZZO, 2018). Entretanto, ainda que tais políticas consigam abranger o público-alvo quando este se trata de mulheres em situação de rua, não é o suficiente, pois, como exposto em competências anteriores, a vida de mulheres no cotidiano das ruas acaba ocasionando experiências diversas e em sua maioria, composta por violências e violações. Ademais, nota-se que nos serviços especializados em atendimento à mulher, há a invisibilidade e negligência no tangente a mulheres em situação de rua, o que levou Maria Silva (2019) a se aprofundar na temática e chegar a conclusões sobre o tratamento recebido por essas mulheres no serviço mencionado.

Quanto a essa problemática da violência, Maria Silva (2019) elucida que mesmo havendo um avanço nas políticas públicas no entorno das vítimas de violência doméstica, tal como a Lei Maria da Penha, essas não alcançam a vivência de mulheres em situação de rua,

declarando assim sobre uma fala obtida durante pesquisa com membros do Núcleo Judiciário da Mulher que evidencia uma realidade:

A abordagem social com essa população de rua precisa funcionar para que essas mulheres vítimas possam chegar até aqui, no entanto, como envolve violações graves de direito, a violência física, psicológica, moral e sexual, precisam ser registradas. Aí está a necessidade de não ter intervenções apenas no âmbito da assistência social, que é a nossa área, mas também na segurança pública (SILVA, Maria, 2019).

Frizzo (2018) discorre sobre a importância em existirem as casas de passagem para acolherem mulheres em situação de rua, contudo, destaca que é necessário refletir sobre as características dessas violências para garantir esse acolhimento, levando em consideração que muitas vezes ter de comprovar essa violência não colabora com esse acolhimento, inviabilizando os meios dessa população procurar ajuda; assim, a autora defende que seja contundente que haja outras alternativas.

Com base na negação constante relacionada a suas existências, mulheres em situação de rua acabam completamente desamparadas por essas políticas principalmente por não se sentirem dignas aos direitos sociais, uma vez que muitas vezes nem sabem que existem e que devem ser garantidos à sua vivência (SILVA, Maria, 2019). A constância pela qual essa violência acontece e parece estar intrínseca em suas vidas, mulheres em situação de rua passam a minimizar tais situações, o que evidencia a importância em ter não só serviços assistenciais, mas meios acessíveis que elucidem as informações acerca dos direitos sociais dessas mulheres.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse trabalho esteve direcionado em analisar os conhecimentos e significados produzidos nas pesquisas acerca do cotidiano de mulheres em situação de rua. Ao considerar a pergunta-problema como peça chave desse estudo, percebe-se a relevância da mesma em buscar o que as produções disponibilizam sobre essa vivência, bem como o que ainda é preciso se aprofundar em produções que considerem aspectos necessários para uma melhor qualidade de vida dessas mulheres.

Desta forma, através do percurso metodológico que norteou este estudo bibliográfico é que delineia-se os condicionantes que nos levaram aos resultados, de modo que, ainda na busca pelas produções a serem analisadas, depara-se com a reprodução do apagamento a visibilidade da mulher em situação de rua diante os poucos trabalhos que abrangem a questão.

Assim, o método utilizado para análise dos dados possibilitou não só a leitura dos materiais escritos metodicamente, mas quais os sentidos dados pelas interlocutoras a essa trajetória de vida, assim como também demonstra o sentido dos pesquisadores que foram atravessados pela temática e visam disseminar estudos que especifiquem as problemáticas no entorno dessas vidas, para que se possa caminhar a uma sociedade mais justa e livre de desigualdades.

Os resultados apresentados correspondem aos repertórios linguísticos analisados e que aparecem de modo totalitário em todas as produções, desta forma, as competências elencadas puderam apresentar o que esses estudos falam quando referem-se a violência e impetuosidades no contexto de vida das que encontram-se em situação de rua, da mesma forma como é nítido a forma como todas as categorias se relacionam diretamente.

Visando que o presente estudo trata-se de um Trabalho de Conclusão de Curso na graduação em Psicologia, explana-se a necessidade dos profissionais de Psicologia em estarem atentos aos impactos psicossociais impressos nas subjetividades desses sujeitos, não deixando de considerar também o devido cuidado e atenção que deve ser dedicado não só pelos profissionais de psicologia como os demais envolvidos no processo saúde-doença-cuidado dessas pessoas.

Não obstante, as políticas voltadas a população aqui retratada, demonstram que o Estado ainda mantém lacunas abertas no que diz respeito a diversidade e singularidades existentes nas ruas, desta forma, considerar esses sujeitos a partir do modelo biopsicossocial reforça a importância em políticas como a Política de Redução de Danos, ao invés de corroborar com métodos voltados ao modelo higienista, que enxerga o problema apenas na falta de moradia e no acúmulo de pessoas vivendo nas ruas.

REFERÊNCIAS

ARAGAKI, S. S.; PIANI, P. P.; SPINK, M. J. Uso de repertórios linguísticos em pesquisa. In: SPINK, M. J. P.; BRIGAGÃO, J. I. M.; NASCIMENTO, V. L. V.; CORDEIRO, M. P. **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.

BISCOTTO, Priscilla Ribeiro et al. Compreensão da vivência de mulheres em situação de rua. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 50, n. 5, p. 749-755, out. 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s0080-623420160000600006>>.

BRANDÃO, Brune Coelho; PRADOS, Nathália Carneiro da Cunha; PERUCCHI, Juliana. Por onde circulam os corpos invisíveis? Intersecções entre população em situação de rua e gêneros dissidentes no acesso institucional urbano. **Rebeh-Revista Brasileira de Estudos da**

Homocultura, v. 2, n. 01, p. 141-170, 2019. Disponível em:
<<http://www.revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh/article/view/210>>.

BRASIL. Lei Maria da Penha. **Lei n. 11.340/2006**. Coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher. Presidência da República, 2006.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Rua: aprendendo a contar - pesquisa nacional sobre a população em situação de rua. **Brasília: Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação**, 2009. Disponível em:
<<http://www.mds.gov.br/gestaodainformacao/disseminacao/avaliacao-e-monitoramento/2009/rua-aprendendo-a-contar-pesquisa-nacional-sobre-a-populacao-em-situacao-de-rua/arquivos/rua.pdf/download>>.

CÂMARA, Flávia; LIMA, Maria Lúcia; CRUZ, Crissia. Mulheres na rua: do “fiu-fiu” ao +estupro. **Revista Polis e Psique**, v. 9, n. 3, p. 114-132, 2019. Disponível em:
<<https://www.seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/88614>>.

CARVALHO, Paulo Gonzaga Mibielli; OLIVEIRA, Sonia Maria Moreira Carvalho. 10 Questões Metodológicas acerca da produção de estatísticas sobre a população em situação de rua. **Anais do XXI Encontro Nacional de Estudos Populacionais – ABEP**, 2019. Disponível em:
<<http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/download/3024/2888>>.

COELHO, Carla Mariana et al. Mulher em Situação de Rua e a Violência de Gênero: um olhar a partir do Grupo de Mulheres. **TCC (Graduação em Serviço Social)** - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro Socioeconômico. 2016. Disponível em:
<<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/169851>>

COSTA, Samira Lima da et al. Gestantes em situação de rua no município de Santos, SP: reflexões e desafios para as políticas públicas. **Saúde e Sociedade**, v. 24, p. 1089-1102, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/sausoc/2015.v24n3/1089-1102/>>.

FRIZZO, Camila Paravisi. Análise da redução de danos: uma estratégia de inclusão social para mulheres em situação de rua - Florianópolis, SC. **Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina**, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Florianópolis, 2018. Disponível em:
<<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/198831>>.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

MACHADO, Mayk Diego Gomes da Glória et al. Mulheres no contexto da rua: a questão do gênero, uso de drogas e a violência. Goiânia. **Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (UFG)**, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/6264>>.

MIRIM, Lia Yara Lima. Garimpando sentidos em base de dados. In: SPINK, M. J. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. Rio de Janeiro. Biblioteca Virtual de Ciências Humanas do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, p. 127-155, 2013.

NATALINO, Marco Antonio Carvalho. **Estimativa da população em situação de rua no Brasil**. Texto para Discussão, 2016. Disponível em: <<https://www.econstor.eu/handle/10419/177462>>.

ROSA, Anderson da Silva; BRÊTAS, Ana Cristina Passarella. A violência na vida de mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo, Brasil. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 19, p. 275-285, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832015000200275>.

SARMENTO, Caroline Silveira. O gênero na rua: um estudo antropológico com as mulheres em situação de rua em Porto Alegre. **Monografia [Graduação em Ciências Sociais]**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2017. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/174177>>.

SILVA, Márcia Swênia Brito da et al. A experiência de mulheres em situação de rua: uma análise interseccional. **Programa de Pós-Graduação em Serviço Social – PPGSS**, 2019. Disponível em: <<http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/3579>>.

SILVA, Maria Isabel Nery. Invisibilidade da mulher em situação de rua nos serviços especializados de atendimento à mulher. Brasília. **Centro Universitário de Brasília**, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/13821>>

SPINK, P. K. et al. Documentos de Domínio Público e a Produção de Informações. In: SPINK, M. J. P.; BRIGAGÃO, J. I. M.; NASCIMENTO, V. L. V.; CORDEIRO, M. P. **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.

VILLA et al. Perfil sociodemográfico de mulheres em situação de rua e a vulnerabilidade para o uso de substâncias psicoativas. **Rev. Enferm. UFPE**, on-line, Recife, v. 5, n. 11, p. 2123, 2126; 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/download/23367/18998>>.

ZURBA, M. C. (org). **Psicologia e saúde coletiva**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 1. ed., 2012.